



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil  
“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013  
ISSN 1982-3657



## **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS – INCORPORAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS FEMININOS À PERSONAGEM DIADORIM**

Claudileuza Oliveira da Conceição<sup>1</sup>

Educação, Corpo, Sexualidade, Gênero

### **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo evidenciar as permanências dos atributos do ideal feminino presente no discurso de Riobaldo, narrador-personagem do romance “Grande sertão: veredas” que foi escrito por João Guimarães Rosa. E para identificar tais permanências a investigação lança olhares aos discursos direcionados a personagem Reinaldo/Diadorim. O método de leitura empregado para analisar e interpretar o discurso ficcional da obra roseana assumiu a vertente teórico metodológica da Análise do Discurso e teve como referência o estudo do filósofo francês, Michel Pêcheux. Para dialogar com o objeto, escolhemos os estudos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Joan Scott, Pierre Bourdieu. No decorrer do estudo, demonstramos que Diadorim buscou romper com sua realidade de opressão ao forjar um caminho de participação no bando de jagunços, universo considerado, culturalmente, como espaço do masculino, a partir do mecanismo de apropriação da vestimenta do jagunço.

Palavras-chave: Gênero. Estereótipos. Literatura

### **Résumé**

Cet article a par objectif mettre en évidence les permanence des attributs de l’idéal féminin dans le discours de Riobaldo, le narrateur-personnage dans le roman “Grande sertão: veredas” qui a été écrite par João Guimarães Rosa. Et pour identifier quelques permanences de ce type de discours, la recherche lance un certain regard sur les discours qui sont dirigés à personnage Reinaldo/Diadorim. La méthode de lecture employée pour analyser et interpréter le discours ficcional de l’oeuvre roseana a supposé une source théorique et méthodologique de Análise du Discours et a eu comme référence l’étude du philosophe français, Michel Pêcheux. Pour dialoguer avec l’objet, on a choisir les études de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Joan Scott, Pierre Bourdieu. Pendant l’étude, on a démontré que Diadorim cherché à briser votre réalité de l’oppression en forgeant un chemin de participation dans le troupeau de jagunço, univers considéré, culturellement, comme espace du masculin, à partir du mécanisme d’appropriation du vêtement du jagunço.

Mots-clés: Genre. Stéréotypes. Littérature.

## 1. Introdução

O livro *Grande sertão: veredas* (2006), de João Guimarães Rosa, no decorrer de suas 608 páginas, apresenta a história de Riobaldo, seu narrador-protagonista. A primeira edição do romance data de 1956. A narrativa abarca eventos que vão desde as lutas sangrentas de jagunços, perseguições e emboscadas nos sertões de Minas Gerais, Goiás e Bahia, até a juventude e as aventuras amorosas de Riobaldo. Ao repassar suas lembranças e contar sua história ao interlocutor, que não se manifesta diretamente na obra, mas cuja fala é sugerida pelos diálogos e respostas, Riobaldo contempla reflexões que inquieta e preocupa o homem e neste romance, o homem sertanejo, como: o sertão, a morte, a violência, a traição, o jagunço, a natureza, os sentimentos homoafetivos<sup>2</sup>, bem como questões metafísicas, no que diz respeito à existência de Deus e do diabo, do bem e do mal.

É em meio a esse espírito de retorno às memórias que Riobaldo relata através do espaço e do tempo a travessia do sertão, do amor e do medo que vivenciou em sua vida. E a rememoração desse personagem-narrador toma como eixo principal da narrativa o amor ambíguo e dito impossível que ele desenvolveu por Maria Deodorina da Fé Betancourt Marins, a Diadorim, a qual se travestiu de homem para viver em meio aos jagunços, com o intuito de vingar a morte de seu pai, Joca Ramiro. No entanto, o chefe do bando inimigo era o Hermógenes que no final da trama tem o mesmo destino de Diadorim, ou seja, a morte.

Interessa-nos, na presente abordagem desse importante romance da prosa brasileira do século XX, que é considerado um épico da linguagem, uma vez que “a poesia épica é aquela que narra ações humanas ou divinas, heroicas, fabulosas ou lendárias, de modo mais ou menos extenso” (PAES, 1969, p. 93), perscrutar o modo como o escritor João Guimarães Rosa traz, através dos relatos de Riobaldo, elementos significativos das características que identificam a figura feminina e as relações de gênero, presentes no universo regional sertanejo.

A relação de Riobaldo com o passado é mediada por relações que suscitam denúncias das permanências culturais da estrutura de sociedade agrária de traços patriarcais, na qual o senhor encarnava quase todos os papéis sociais do seu tempo. O romance de Guimarães Rosa toma a região do cerrado como espaço da narrativa, com foco especial no sertão de Minas Gerais. E os fatos encenados na trama ficcional, por certo, estão demarcados no tempo que corresponde à segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX.

A herança do latifúndio sinaliza que a tradição persiste, embora os aspectos do processo de modernização e urbanização gradativamente avancem sobre o meio rural. No cenário da narrativa roseana se faz presente grandes latifundiários, como Selorico Mendes, pai de Riobaldo, mas que se apresenta como padrinho, quando o menino Riobaldo fica órfão de mãe e é levado para a fazenda dele. Conforme destaque da narrativa: \_ “Donde é mesmo que o senhor é, donde” Se sorria. E eu não medi meus alforjes: fui contado que era filho de Seô Selorico Mendes, dono de três possosas fazendas, assistindo na São Gregório (ROSA, 2006, p.194).

O estudo estabelecido neste artigo pretende lançar um olhar singular sobre os discursos enunciados por Riobaldo. O principal objetivo consistiu em evidenciar as permanências dos atributos associados à figura feminina, como fragilidade, anjo, delicadeza, maternidade e beleza física. E, dentre as várias leituras possíveis de serem tecidas e analisadas na obra roseana, optamos por refletir que a presença de tais atributos de feminilidade no discurso de Riobaldo estão impregnados de estereótipos relacionados ao ideal feminino. O método de leitura empregado para analisar e interpretar o discurso ficcional da narrativa roseana assumiu a vertente teórico metodológica da Análise do Discurso de linha francesa, e teve como referência o estudo de Michel Pêcheux<sup>3</sup>. Para o filósofo francês, os contextos sócio-históricos são constitutivos da linguagem e nesta perspectiva estão intrinsecamente relacionados. No texto literário há a inscrição do sujeito produtor do discurso. E involuntariamente, esse sujeito produtor é induzido a pensar

como os da sua geração. Nesse sentido, o discurso literário do romancista Guimarães Rosa apresenta formas de ver a realidade a partir de um recorte dado pela cultura, história, memória e inconsciente, contudo, tais formas não conduzem a um retrato fiel dos diversos cenários, contextos e relações gerais da experiência de sociedade.

Descortinar estes estereótipos discursivos atribuídos à mulher dentro do contexto da experiência literária requer do pesquisador uma nova postura diante das evidências e dos silêncios acerca do cotidiano feminino e que leve em conta a posição variável que as mulheres ocuparam em diversos estratos da sociedade ao longo da história. Desse modo, é preciso considerar que as pesquisas no campo da historiografia sobre as mulheres têm evidenciado marcas de tensões e contradições que revelam imagens opostas à condição feminina de dominada e que diversos foram os instrumentos que as mulheres lançaram mão para protestar e transgredir as pressões, imposições e convenções morais e sociais.

Pensar no discurso estereotipado presente na produção literária não significa somente identificar o lugar social que era reservado à inserção feminina em diferentes épocas, mas elucidam as representações de gênero presentes nos múltiplos extratos que compõem a sociedade. Na cultura, a estrutura da dominação masculina está presente desde tempos remotos e a instituição de regras, preconceitos e perseguições teve o intuito de silenciar a atuação da mulher e relegá-la à condição de submissão e passividade.

Por meio da análise do discurso, pretende-se demonstrar e compreender a descrição de estereótipos femininos atribuídos à personagem Reinaldo/Diadorim apresentados pelo discurso de Riobaldo, atentando-se para o papel social sancionado para as mulheres de acordo com a ideologia dominante presente numa sociedade ainda marcada por forte estatuto patriarcal. Considerando-se esse quadro para efeito de investigação, buscamos fazer uma ligação com as bases conceituais dos autores que servirão de fundamentação teórica como Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2001), Joan Scott (1991), Pierre Bourdieu (1999). A leitura dos trabalhos desses estudiosos ensejou reflexões que serviram para elaborar duas perguntas básicas que nortearam a ação investigativa e que se expressam nas seguintes indagações: de que maneira Diadorim buscou romper com os grilhões da dominação masculina ao forjar um caminho de participação social no grupo de jagunços A apropriação das vestes de jagunço por Diadorim ajuda-nos a entender melhor o exercício simbólico da virilidade, bem como a construção de valores a ela agregados e que, conseqüentemente, produz representações de gêneros O atravessamento desses questionamentos pode ser elucidado a partir dos conceitos de estereótipo, gênero e violência simbólica. Por meio do corpo de natureza supostamente frágil, construiu-se um terreno de expressão de características tidas como femininas; sendo assim, é possível referendar que tal feminilização se efetuou historicamente através de estereótipos. Segundo Albuquerque Júnior:

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 20)

A imagem da mulher brasileira, ao longo da história, está ligada a diversas representações que, nos variados contextos socioculturais, foram descritas através de estereótipos danosos à constituição e legitimação da autonomia feminina em relação ao sexo masculino. A sociedade brasileira é tributária de uma cultura patriarcal que, à época do Brasil Colônia, Império e ainda primeiras décadas da República, mantinham práticas altamente discriminatórias e repressoras no tocante à presença feminina em alguns espaços sociais e assuntos, a exemplo da política, economia e formação superior.

A estrutura extremamente conservadora da sociedade não permitia à mulher ter grande projeção. É dentro desse contexto que repensar os traços que estigmatizam a mulher na ficção literária requer a

realização de deslocamentos por caminhos tortuosos que revelam a invenção/reprodução do mito da fragilidade feminina, da incapacidade física ou mental da mulher.

## **2. A representação da figura feminina na ficção literária de Guimarães Rosa**

O conteúdo da ficção roseana inscreve outras representações para o mundo feminino. Diadorim, personagem emblemática, serve de elemento condutor para tematizar as ambiguidades, dúvidas e questões da relação entre homens e mulheres. É sob esse aspecto que Rosa, de certa forma, levanta uma discussão sobre as características que determinam papéis de gênero, criado social e culturalmente. Isso não significa dizer que, o discurso ficcional presente no romance do escritor mineiro denote uma posição “revolucionária” que subverta ou desconstrua costumes e valores ainda em circulação numa sociedade com imaginário impregnado por valores patriarcais. Por certo, seria um equívoco pensar que a narrativa roseana cria correspondência direta com a sociedade vigente do seu tempo. De fato, as questões levantadas no enredo da prosa emergem a partir de contextos culturais e históricos da região do cerrado, como predominância do sertão mineiro, visto que o escritor para construir sua obra literária lança mão dos materiais que à época em que vive lhe oferece.

A escolha de algumas passagens do discurso de Riobaldo tem por intenção evidenciar, através das vozes e silêncios dos personagens, aspectos que sugerem e problematiza questões acerca da configuração do feminino e do masculino e que perpassam as convenções do sexo. Nesse sentido, discutir a imagem do feminino exposta nos relatos de Riobaldo a partir de um cenário, no qual se encontram os elementos constitutivos da prática social (patriarcalismo) que sustentou os modos de vida da sociedade de base agrária a qual povoava o sertão mineiro parece frutífero, pois ao lado da descrição estereotipada do ideal feminino, também é possível perceber os recursos e estratégias usados por Reinaldo/Diadorim para contornar a dominação masculina e expressar aquilo que desejava. Cabe, portanto, ressaltar que diversas práticas sociais desenvolvidas dentro do universo da sociedade patriarcal, reatualizavam a condição de inferioridade para a figura feminina, depreendendo desse processo marcas danosa às condições concretas de existência da mulher, qual seja, a clausura ao cenário doméstico, a resignação, a dissimulação e o silêncio. Pode-se dizer também que a violência física sobre elas fez sentir, igualmente, a violência simbólica delineando a construção e incorporação de inúmeros estereótipos<sup>4</sup>.

Considerando-se tal perspectiva, é importante refletir que os comportamentos de resignação, dissimulação e silêncio foram usados pela figura feminina em diversos espaços e contextos como mecanismos para atingir objetivos e expressar opiniões. Ainda nesse sentido, vale mencionar que a personagem roseana, Reinaldo/Diadorim, se apropriou também dos citados recursos/mecanismos. No caso do romance “Grande sertão: veredas”, Diadorim é simbolicamente violentada por estar inserida no contexto de uma ordem social machista, na qual imperava mandonismo, virilidade, agressividade e vigor físico; atributos de expressão de masculinidade dos jagunços. Tal evidência é atestada pelo relato de Riobaldo, que expressa a representação de um quadro comum de pressões da cultura dominada que vicejaram no sertão mineiro:

Mas, por lei, eu carecia de nudezes de mulher. Nesses dias, moderei minha inclinação. Baixei ordens severianas: que todos pudessem se divertir saudavelmente, com as mulheres bem dispostas, não deixando no vai-vigário; mas não obrassem brutalidades com os pais e irmãos e maridos delas, consoante que eles ficassem cordatos. Estatuto meu era esse. Por que destruir vida, à-toa, àtôa, de homem são trabalhador (ROSA, 2006, p.524)

O universo da cultura masculina era potencializado pela representação de que o sertão constituía-se em terreno regulado pela lei do mais forte, nesse caso, sob a hegemonia do domínio masculino. A construção e reafirmação da imagem de masculinidade assentada na superioridade da biologia do corpo e do sexo introduz possibilidades interpretativas na obra roseana, acerca das relações sociais que são estabelecidas em decorrência da categoria gênero. Veja-se este trecho muito esclarecedor da atmosfera do sertão:

[...] Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue, por este simples universozinho nosso aqui. Sertão o senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal... [...] Bolas, ora. Senhor vê, o senhor sabe. Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada. (ROSA, 2006, pp. 19 e 110)

O imaginário coletivo do sertão expressa valores, códigos e princípios que foram formados por práticas e comportamentos arraigados no pensamento patriarcal. E o eixo de tal visão conformou uma ideia de delicadeza e fragilidade para as mulheres e abriu um palco para a construção de representações de um discurso da fragilidade feminina. De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu:

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente *performativa* de nominação que orienta e estrutura as *representações*, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática que impõe uma *definição diferencial* dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero. (BOURDIEU, 1999, p.33)

Essa análise é provocante, pois o ponto nuclear do argumento sinaliza para a importância das relações de força simbólica que propiciam a produção e sacralização das representações do corpo feminino, de modo que, a imagem desse corpo socialmente construído e naturalizado aglutina saberes e valores culturais, políticos e ideológicos consolidados como universais por estar inscritos numa natureza biológica, sendo ela própria construção das convenções sociais implicitamente impostas. O corpo percebido apresenta-se desencaixado, dessintonizados em face da construção ser alienante, por desconsiderar a consciência e a racionalidade do sujeito feminino.

### **3. A divisão sexual do trabalho**

Em outras palavras: essa percepção de uma suposta “essência feminina” serviu como dispositivo para colocar a mulher a serviço do homem e atender a demandas de cunhos diversos como: trabalhistas, sexuais e reprodutivas. Dentro desse contexto, ressaltar a exploração que há por parte de todas as sociedades no tocante ao trabalho doméstico é extremamente relevante, pois as tarefas ligadas a esse campo de trabalho foram culturalmente naturalizadas como afazeres pertencentes ao que se convencionou denominar de “natureza feminina”.

O discurso de Riobaldo traz essa dimensão naturalizada e normatizada da aptidão da mulher para os serviços domésticos. O seguinte excerto permite observar que as funções domésticas eram desempenhadas com mais maestria pela mulher.

Diadorim estava me esperando. Ele tinha lavado minha roupa: duas camisas e um paletó e uma calça, e outra camisa, nova de bulgariana. Às vezes eu lavava a roupa, nossa; mas quase mais quem fazia isso era Diadorim. Porque eu achava tal serviço o pior de todos, e também Diadorim praticava com mais jeito, mão melhor. (ROSA, 2006, p.35)

Para melhor compreender como ocorre o enraizamento da desigualdade de gênero e questionar os padrões sociais definidos e construídos historicamente para homens e mulheres, faz-se necessário atentar para a conceituação de gênero. Joan Scott afirma que:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1991, p.7)

A invenção dos estereótipos em torno do corpo da mulher contribui para manter a hierarquia de gênero e induz à construção de discursos afirmativos aos quais são agregados valores que visam fabricar imagens/representações virtuosas da mulher relacionadas a elementos como beleza, sensualidade, doçura, maternidade, mesmo que muitas delas escapem a tal descrição.

Riobaldo, ao narrar suas aventuras vivenciadas em decorrência de sua participação no grupo de jagunços, também narra a saga de Diadorim. Entretanto, no enredo criado por João Guimarães Rosa, a personagem Diadorim tangencia a imagem andrógina ao disfarçar sua condição de mulher, a qual é identificada pelo sexo que marca seu corpo, o qual é envolvido pelo segredo e que é revelado no final da trama na circunstância do corpo nu e sem vida. No discurso do narrador-personagem são perceptíveis os vestígios que conduzem aos elementos que conferem atributos do feminino a Reinaldo/Diadorim advindos do repertório dos padrões sociais da ordem patriarcal. É no decorrer do primeiro quarto da obra que Riobaldo planta a primeira semente de desconfiança no tocante ao segredo de Reinaldo/Diadorim, conforme destaca o seguinte fragmento: – “Pois então: o meu nome, verdadeiro, é Diadorim... Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve me chamar, digo e peço, Riobaldo..” (ROSA, 2006, p.156). Pensemos, portanto, que o nome Diadorim articula-se a um segredo sexual e corporal que identifica um sujeito do sexo feminino.

As ações, os fatos, os sentimentos evocados da atividade de rememoração de Riobaldo contempla uma imagem feminina carregada de estereótipos. Tal quadro ressuscita e reatualiza preconceitos e pode criar dimensões que contribuam para a mulher ficar à margem de diversos espaços da vida social. Dentro dessa lógica, o domínio masculino ganha relevância e assegura os privilégios advindos do exercício do poder que os homens exercem sobre as mulheres. A construção dos estereótipos de feminilidade assegura a continuidade da distinção de papéis sociais atribuídos, culturalmente, às mulheres e aos homens e, conseqüentemente, constelam controle e manipulação do corpo feminino que são fixados a partir do olhar e discurso masculino. Bourdieu afirma que:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depósito de princípios de visão e de divisão sexualizante. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao *próprio corpo*, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-o aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. (BOURDIEU, 1999, p. 19-20)

Os efeitos dessa colocação nos leva a crer que a construção social das desigualdades é uma estratégia exclusivamente masculina aplicada à dominação das mulheres. Mas o gênero é uma categoria relacional, isto é, resulta de uma construção que se efetiva nas relações do masculino com o feminino. Ele não funciona como um poder exterior às mulheres e a elas aplicado para submetê-las. As mulheres também participam da construção de sua inferioridade, obviamente, sob condições não desejadas, pois a operacionalização das práticas que configuram a dominação masculina é articulada na prática humana por mulheres e homens. De todo modo, cumpre assinalar que o conflito da oposição entre “mulher e ‘homem’” é visto por Joan Scott sob o seguinte ângulo: “[...] me incomoda a fixação exclusiva sobre as questões relativas ao sujeito individual e a tendência a reificar como a dimensão principal do gênero, o antagonismo

subjetivamente produzido entre homens e mulheres” (SCOTT, 1991, p. 16).

O sistema dominante da cultura ocidental engendrou um discurso imagético de ideal feminino concedendo privilégios ao homem e instituindo regras, códigos de conduta, virtudes morais, padrões de beleza e comportamentos para a mulher que serviram como mecanismo de dominação e regulamentação, notadamente utilizado com a intenção de evitar a autonomia política, social e intelectual da figura feminina. Sob determinado ângulo de observação, podemos dizer que Riobaldo apresenta em sua fala elementos deste discurso imagético do ideal feminino. Por exemplo, quando incorpora elementos predominantemente naturalizado das características idealizadas de beleza e comportamento que foram afixadas à imagem da mulher. Assim, traços tidos como sinais de beleza angelical, santidade e leveza podem ser evidenciados na seguinte passagem do romance:

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura. Sobre o que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança. (ROSA, 2006, p.495)

Essa constatação traz indícios de que o discurso ficcional de Rosa toma como ponto de referência contextos culturais e históricos, neste caso, a sociedade patriarcal da região do sertão; demonstrando dessa forma que os homens não estão além do seu tempo, mas que a elaboração de uma cosmovisão e de uma consciência histórica está diretamente relacionada à imersão do indivíduo na cultura. Considerando-se o transcorrer da narrativa roseana, esbarramos no inconformismo de Diadorim ante a morte do pai, Joca Ramiro, o qual dá espaço para o florescimento do sentimento de vingança. De modo significativo, o desejo de vingar o histórico de seu pai passou a conduzir suas ações. Riobaldo, ciente do sofrimento que acometia Diadorim, o descreve como sendo ódio, mas o despontar desse sentimento pouca transgressão e ruptura causa aos olhos de Riobaldo, posto que ele dava-se acompanhado das palavras “sossego e paciência”, características que também são relacionadas à figura feminina. Vejamos:

[...] - Diadorim dizia. – “Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados...” E suspirava de ódio, como se fosse por amor; mas, no, mas, não se alterava. De tão grande, o dele não podia mais ter aumento: parava sendo um ódio sossegado. Ódio com paciência; o senhor sabe (ROSA, 2006, p. 45)

Talvez, no interior do romance, essa passagem encerre uma maneira de ver o sossego e a paciência como atributos femininos. Porém, fiquei com a impressão de que, nesse caso, o romancista apenas reatualizou, com outras palavras, o dito popular segundo o qual “a vingança é um prato que se come frio”. Portanto, a reprodução de um princípio da dominação masculina.

Diadorim desafia os perigos de viver e forja um caminho de participação no bando de jagunços, universo considerado, culturalmente, como espaço do masculino. E numa autêntica resistência ao modo de estar da mulher na sociedade patriarcal relegada ao papel de resignada, submissa e dominada. De certo modo, é possível dizer que Diadorim demonstra sua habilidade ao assumir e expressar aquilo que almejava. As estratégias usadas para atingir seus objetivos vão além da apropriação das vestes de jagunço, a exemplo do recurso do silêncio e da resignação, conforme aponta a seguinte passagem:

A vai, coração meu foi forte. Sofisimei: se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as todas as palavras Reajo que repelia. Eu Asco! Diadorim

parava normal, estacado, observando tudo sem importância. Nem provia segredo. E eu tive decepção de logro, por conta desse sensato silêncio. (ROSA, 2006, p.62).

Diadorim vislumbra as vestes de jagunço como mecanismo para camuflar seu corpo e se apropria delas para adentrar no bando comandado por Medeiro Vaz. Tal avaliação desvela que a virilidade é uma construção social, cuja performance independe do sexo. A citação abaixo traz elementos que caracteriza a vestimenta do jagunço como o chapéu e as cartucheiras que serviam para armazenar munição para as armas de fogo, elementos que configuravam valores de valentia e virilidade no contexto cultural do sertão:

[...] Tudo estava perfeito tranquilo. Diadorim – com chapéu xíspeto, alteado. Nele o nenhum negar: no firme do nuto, nas curvas da boca, em o rir dos olhos, na fina cintura; e em peito a torta-cruz das cartucheiras. Os mais, zelando nas armas, corriam os dedos, apalpavam por afago. Conversei com todos. Aqui a guerra – que queriam guerra. (ROSA, 2006, p. 572).

Por certo, ao lançar mão dessa estratégia de poder, ele/ela se resguarda de sofrer preconceitos e ser violentada. Noutras palavras, o narrador-personagem concede-nos uma espécie de pista que possibilita inferir que Diadorim detinha conhecimento, no que diz respeito ao funcionamento da sociedade que a circundava, a qual se projetava nas práticas culturais que marcavam o espaço por luta, vingança, pensamento patriarcal e violência. Por certo, a dimensão dos valores patriarcais estava profundamente arraigada nos cenários rurais e encontravam legitimidade nas manifestações culturais que se constituíram como típica da cultura sertaneja. Assim aprendemos, desde a infância, roteiros para as condutas toleradas ou censuradas. O fragmento seguinte caracteriza a dimensão das regras de funcionamento e convivência do sertão:

[...] Diadorim respondeu o que eu não esperava: - “Tem discórdia não, Riobaldo amigo, se acalme. Não é preciso se haver cautela de morte com essa Ana Duzuza. Nem nós vamos com Medeiro Vaz para fazer barbaridade com a mulher e filhos pequenos daquele pior dos dois Judas, tão bem que mereciam, porque ele e os da laia dele têm costumes de proceder assim. Mas o que agente quer é só pegar a família conosco prisioneira; então, ele vem! Se vem! E vem obrigado pra combates... Mas, se você algum dia deixar de vir junto, como juro o seguinte: hei de ter a tristeza mortal...” Disse. Tinha tornado a pôr a mão na minha mão, no começo de falar, e que depois tirou; e se espaçou de mim. (ROSA, 2006, p. 40)

Tal exposição denota a capacidade de Diadorim de conquistar o que desejava e expor suas ideias. Quando da morte de Medeiro Vaz, o nome de Riobaldo foi cogitado para liderar o bando de jagunço, contudo, ele não apresentava interesse em comandá-lo, conforme a narrativa: “tomou-se café, e Diadorim me disse: firme – “Riobaldo, tu comanda. Medeiro Vaz te sinalou com as derradeiras ordens...” – “Não posso, não quero! Digo definitivo! Sou de ser e executar, não me ajusto de produzir ordens...” (ROSA, 2006, pp. 80-81). Com a recusa do amigo Riobaldo, Diadorim vislumbrou a oportunidade de comandar o bando e vigiando o olhar de todos assim se expressou, conforme relata Riobaldo:

Tudo rosna. Entremeio, Diadorim se maisfez, avançando passo. Deixou de me medir, vigiou o ar de todos. Aí ele era mestre nisso, de astuto se certificar só com um rabeio ligeiro de mirada – tinha gateza para contador de gado. E disse: – “A pois, então, eu tomo a chefia. O melhor não sou, oxente, mas porfio no que quero e prezo, conforme vocês todos também. A regra de Medeiro Vaz tem de prosseguir, com tenção! Mas, se algum achar que não acha, o justo, a gente isto decide a ponta d’armas...” (ROSA, 2006, p. 81).



O trecho acima evidencia que Diadorim se coloca em escala de inferioridade em relação aos demais integrantes do bando, todavia, ela se vale da mesma valentia do jagunço para resolver os conflitos, qual seja, o uso da arma ou da força física. E dentro de uma sociedade excludente, construída sobre os alicerces do patriarcado, Diadorim não assume o posto de chefe, pois Riobaldo não consente, uma vez que a ideologia dominante discrimina a igualdade entre os sexos, e se nega a receber ordens advindas de uma mulher. Mediante tal fato é válido ressaltar que Riobaldo, sendo narrador-personagem de suas vivências como jagunço, é detentor do conhecimento do “sexo” de Diadorim, posto que tal condição origina-se de algo estável, por estar inscrito no corpo da personagem.

É contra essa suposta estabilidade, inscrita, sobretudo no corpo, que os estudos de gênero se lançam. E a condição para explicação global relativa às identidades de gênero é construída a partir dessa base corporal/biológica. Por essa razão, Riobaldo reage opondo-se ao comando de alguém cuja identidade se constitui na ambiguidade entre papéis masculinos e femininos. Essa densa relação masculino versus feminino encarna a perspectiva de uma identidade volátil, ambígua e desestabilizadora da ordem patriarcal. Assim, vejamos a expressão de repúdio de Riobaldo à ideia de Diadorim assumir o comando do bando:

Num nú, nisto, nesse repente, desinterno de mim um nego forte se saltou! Não. Diadorim, não. Nunca que eu podia consentir. Nanje pelo tanto que eu dele era louco amigo, e concebia por ele a vexável afeição que me estragava, feito um mau amor oculto – por mesmo isso, nimpes nada, era que eu não podia aceitar aquela transformação: negócio de para sempre receber mando dele, doendo de Diadorim ser meu chefe, nhem, hem Nulo que eu ia estuchar. Não, hem, clamei – que como um sino desbadala: – “Discordo.” (ROSA, 2006, p. 82).

É possível, de certo modo, identificar que Reinaldo/Diadorim busca transgredir sua realidade de opressão silenciosa, denominada por Pierre Bourdieu de dominação masculina/violência simbólica, contudo, o grito de negação de Riobaldo ao seu desejo de assumir a chefia do grupo evidencia que a força da ordem masculina estava imposta no meio no qual ele/ela estava inserida. As marcas que caracterizam a submissão ao domínio vigente podem ser identificadas na seguinte passagem: – “Menos vou, também, punindo por meu pai Joca Ramiro, que é meu dever, do que por rumo de servir você, Riobaldo, no querer e cumprir...” (ROSA, 2006, p. 534).

Tendo em vista o discurso da estereotipia, é possível perceber como são produzidos e reinventados os discursos acerca da imagem da figura feminina e que a construção dos atributos de feminilidade perpassam pelas relações de poder, notadamente, da dominação masculina, a qual compreende “o exercício do poder pelos homens sobre as mulheres” (Cf. BOURDIEU, 2006, p. 50). Desse modo, o poder simbólico presente na relação dominante/dominado advoga ao sujeito dominante a autoridade e/ou o direito de dizer o que o corpo do outro comporta e qual o espaço destinado a ele. Por conseguinte, vincula aspecto grotesco e indiscriminado ao grupo dominado, em que as características individuais do sujeito são negadas em detrimento de semelhanças sutis, possíveis de identificar o coletivo. Esse fator desencadeia a desvalorização e exclusão explícita da figura feminina como sujeito do processo histórico. Para descaracterizar esse quadro, o historiador Durval de Albuquerque Júnior aponta o seguinte caminho:

A resistência que podemos exercer é dentro desta própria rede de poder, não fora dela, com seu desabamento completo. O que podemos provocar são deslocamentos do poder que nos impõe um determinado lugar, que reserva para nós um certo espaço, que foi estabelecido historicamente, portanto, em movimento. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 21).

Tal entendimento aponta para a dinâmica das relações de poder existentes no mundo social. E enfatiza

que a articulação para desestabilizar o discurso daqueles que se proclamam no direito de dizer o lugar que o outro deve ocupar deve figurar dentro dos contextos socioculturais de onde emergem e que configuraram formas de poder.

#### **4. Algumas considerações**

Ao longo da história, a imagem da figura feminina se constituiu atrelada aos discursos produzidos e reinventados pela sociedade a partir de um processo que resulta de uma construção que se efetiva nas relações do masculino com o feminino. E notadamente, sob uma dimensão constitutiva do que Pierre Bourdieu chama de dominação masculina. Por certo, a elaboração e representação do discurso acerca do corpo feminino perpassaram pela construção cultural dos atributos de feminilidade, os quais numa escala de temporalidade histórica possibilitaram que o domínio masculino ganhasse relevância e assegurasse os privilégios advindos do exercício do poder dos homens sobre as mulheres. Entretanto, essa dominação masculina não pode ser compreendida se não atentarmos para o fato de que as mulheres também participam da construção de sua inferioridade, obviamente, sob condições não desejadas.

Incorporados ou não pelas mulheres, os atributos de feminilidade se fazem presentes em diversas sociedades e contextos socioculturais. E a descrição estereotipada do seu corpo e dos espaços reservado a ele, desenhou para a mulher um percurso árduo, no tocante ao processo de constituição e legitimação de sua autonomia em relação ao sexo masculino. Ao longo desse estudo, buscou-se expor os relatos enunciados por Riobaldo, narrador-personagem do romance “Grande sertão: veredas”, dentro de uma tentativa de evidenciar as permanências dos atributos do ideal feminino presente no discurso literário e direcionado à personagem Reinaldo/Diadorim.

E, para dialogar com o objeto da investigação, elegemos as seguintes categorias de análise - discurso da estereotipia, gênero e violência simbólica – defendidas, respectivamente, nos estudos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2001), Joan Scott (1991), Pierre Bourdieu (1999). A escolha de tais categorias possibilitou colocar em destaque os aspectos que evidenciam a dominação masculina disseminada na cultura do sertão mineiro. O método de leitura empregado para analisar e interpretar o discurso ficcional da obra roseana assumiu a vertente teórico metodológica da Análise do Discurso e teve como referência o estudo do filósofo francês, Michel Pêcheux. O discurso acerca do ideal feminino pode ser identificado no comportamento e atitudes de Riobaldo, bem como dos jagunços.

No decorrer do estudo, demonstrei que Diadorim buscou romper com sua realidade de opressão ao forjar um caminho de participação no bando de jagunços, universo considerado, culturalmente, como espaço do masculino, a partir do mecanismo de apropriação da vestimenta do jagunço. Embora Diadorim apresente seu corpo camuflado pelas vestes características do jagunço e se insira no bando de Medeiro Vaz com o intuito de vingar a morte do pai, em diversos momentos, ele/ela tem sua voz silenciada pelo amigo e companheiro Riobaldo, que, por ser narrador-personagem de suas vivências do passado, detém o conhecimento do “sexo” de Diadorim, uma vez que esse se configura como algo estável e está inscrito no corpo da personagem de Reinaldo/Diadorim. De certo, que Riobaldo se empenha para surpreender o leitor com a mesma descoberta que ele teve quando da morte de Diadorim, mas no transcorrer de toda narrativa o romance está repleto de indícios que remetem à identificação de Reinaldo com o corpo de mulher. Contudo na cena final Riobaldo enfatiza a seguinte revelação:

Diadorim – nú de tudo. E ela disse: - “A Deus dada. Pobrezinha...” E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço: - mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no ítimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estareci. A dôr não mais do que a surpresa. A coice d’ arma, de coronha... Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma

mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu solucei meu desespero. (ROSA, 2006, p.599).

Para concluir, é importante destacar que o viés interpretativo presente nos relatos do personagem Riobaldo leva-nos a refletir sobre o discurso literário, o qual pode também se constituir em veículo propagador de uma “essência feminina” assentado na superioridade da biologia do corpo e do sexo. Nesse sentido, vê-se que a construção de atributos de feminilidade assegura a continuidade da distinção de papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens no decurso da história, utilizados na reprodução e reatualização da subordinação das mulheres na sociedade, permitindo que a visão androcêntrica continue se legitimando pelas próprias práticas que ela determina (BOURDIEU, 1999, p. 44). Fica aqui, portanto, um sinal de que investigar os discursos do personagem-protagonista do romance “Grande sertão: veredas” constitui uma oportunidade de “ouvir” as vozes e conhecer as motivações das figuras femininas que estão presentes na trama.

#### Notas

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física – UFS e Mestre em Educação pelo NPGED - Universidade Federal de Sergipe. E-mail: claudileuza.ufs.se@gmail.com

<sup>2</sup> Acerca desse assunto e/ou temática consultar o estudo de SANTOS, Manoel Messias Rodrigues. **A via crucis do desejo:** a aprendizagem do amor homoerótico nas veredas do Grande Sertão. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2009. (Dissertação de Mestrado em Sociologia).

<sup>3</sup> Pêcheux instaura a tese de base da análise do discurso que diz: todo discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção que devem ser levadas em conta para compreendermos o efeito de sentido de um discurso. Em outras palavras, “o laço que une as ‘significações’ de um texto às suas condições [de produção] não é meramente secundário, mas constitutivo das próprias significações” (PÊCHEUX; HAROCHE; HENRY, 2007, p. 20 apud BRITO, 2012, p. 547).

<sup>4</sup> Cf. PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 398.

#### Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN, São Paulo: Cortez, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRITO, Luiz André Neves de. (Re) Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva Revista Eutomia de literatura e linguística, edição 9, ano V, jul.2012. Disponível em: Acesso em: 16 de maio de 2013.

GERÔNIMO, Sidney Menezes. **“Lavoura de delícias”**: visibilidades de gênero nos romances de Francisco

J. C. Dantas. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação de Mestrado em Sociologia).

IGLÉSIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil: 1500-1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP 2003.

PRIORE, Mary Del (Org); BASSANEZI, Carla (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SOIHET, Rachel. **Violência simbólica**. Saberes masculinos e representações femininas.

Estudos Feministas, v.5, n.1, p.7-29, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila). Recife: SOS Corpo, 1991.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 62-95.

PAES, José Paulo; MOISÉS, Massaud (Orgs.). **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1969.

PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul; HAROCHE, Claudine. A Semântica e o Corte Saussuriano: língua, linguagem e discurso. Linguagem: Revista eletrônica de popularização científica em ciências da linguagem, São Carlos, n. 03, p.01-19, out/nov. 2008. Bimestral. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro.

Disponível em: Acesso em: 16 de maio de 2013.